

homens, porque, sem luta, coligi para meus inimigos a biblioteca de meus equívocos. Na realidade, depois de uma operação de catarata, alguns anos atrás, abri mão da leitura sistemática, embora minha visão esteja muito melhor agora do que antes. Às vezes leio o jornal, mas sem proveito algum. Revolução na Alemanha, lutas pelo poder na Rússia, a nova ordem no sudeste europeu, tudo isso não me afeta mais. Quem acreditou que a reviravolta do velho mundo implicaria uma melhora do homem só podia estar louco. Despencamos morro abaixo. A evolução do gênero humano é deprimente: o mundo está cansado, e eu não ousa mais esperar por um espantoso milagre. O que outrora era certo, hoje se perde na peneira da história. Os alemães não têm talento para a política; tive de sofrer oitenta anos com isso. Repugna-me sobretudo o palavreado ridículo acerca de uma nação cultural, fazendo-se mais audível toda vez que uma retumbante patifaria foi cometida. Um bando de sentimentalistas presunçosos nos domina, tocando seus negócios em nome da cultura e apresentando-se como se a cultura lhes importasse de fato. Vendem gás tóxico e, com os lucros, financiam o movimento pacifista — eis aí a base de nossa democracia. Não há pessoa alguma de quem se possa aceitar um conselho. E, para iludirmo-

nos quanto à perda da Europa, sempre a invocação do sonho de uma unidade europeia na qual os conflitos políticos, sociais, culturais e econômicos desapareçam. O sonho do alemão é tão-somente que tudo no mundo pareça alemão, assim como o inglês quer tudo inglês. Para o suíço, tudo deve ter gosto de queijo. Tudo dito, proclamado e sonhado à exaustão, uma situação na qual a cultura nada tem a fazer. Graças a Deus, a Terceira Guerra Mundial, que todos parecem ter esquecido, só acontecerá após a minha morte. Mas acontecerá, quando os estoques de comida tiverem se acabado. Sou velho e rico o bastante para permitir-me um confortável pessimismo. A realidade desapareceu, e o que percebemos como realidade é apenas um decalquezinho irônico que um político, abandonado por todos os bons espíritos alemães, exhibe para a câmera ligada.

Sigo lendo com prazer os necrológios; comparo as datas de nascimento dos mortos com a minha, 1910, e espanta-me sempre quão jovens as pessoas morrem. Na floresta, em 1940, a morte teve algumas oportunidades de me apanhar, mas, graças à atenção de meus acompanhantes, tudo sempre terminou bem. Eu poderia até ter acabado num caldeirão, um privilégio negado aos viajantes de hoje. Vez por outra, deitado no sofá, imagino ser o